

## **Leis anti compartilhamento e o mundo acadêmico**

Abdelasy de Souza

Aline Lourenço

Alice Magalhães

Henrique Guimarães

Júlia Ferreira

Ricardo Miranda

### **Introdução**

Este artigo representa um breve estudo sobre a criação de um ambiente virtual para o desenvolvimento colaborativo de ideias e projetos acadêmicos. Os autores analisam as consequências desse processo e os possíveis impactos da aprovação de projetos de lei que visam restringir o compartilhamento de conteúdos na web sob o pretexto de se combater a pirataria online.

*Palavras-chave:* Compartilhamento; Mundo Acadêmico; Conhecimento

### **A Internet com espaço de produção de conhecimento acadêmico**

Até a década de 1990, a produção de pesquisas acadêmicas no Brasil se limitava, basicamente, aos espaços físicos dos laboratórios e salas de aula nas dependências das universidades. Não raro, o conhecimento produzido, nos mais diversos segmentos, circulava entre grupos de pesquisadores que frequentavam o mesmo ambiente e compartilhavam uma mesma linha de pesquisa. Uma vez validadas dentro desse espaço, elas eram apresentadas ao mundo acadêmico por meio dos Congressos e Seminários. E isso, era o máximo de interação e compartilhamento que os cientistas brasileiros haviam vivenciado até então.

As primeiras experiências em processo e desenvolvimento colaborativo surgiram nos Estados Unidos, entre os anos de 1970 e 1980, com o desenvolvimento da Internet. Em plena Guerra Fria, a rede mundial de computadores não era utilizada apenas por militares e a inteligência americana, mas também entre professores universitários, pesquisadores e docentes que trocavam ideias e mensagens através desse novo espaço

de interação. A corrida para dominar e aperfeiçoar essa ferramenta era justificada: ela permitia agilizar a publicação de novas descobertas, à medida que os cientistas buscavam cada vez mais o poderio das tecnologias para o desenvolvimento bélico. Nessa época, a web só poderia ser utilizada mesmo por pessoas com alto grau de instrução, devido a sua complexidade e a dificuldade para entender os padrões gráficos e numéricos. Na década de 1990, o engenheiro inglês Tim Bernes-Lee criou o navegador World Wide Web que teria uma interface mais simples e sites mais dinâmicos. Apesar de ser o marco inicial da história da Internet, mais próxima do que conhecemos hoje, foi somente com a Microsoft, de Bill Gates, que ela se popularizou, inclusive no Brasil, para uso civis.

Desde então, os computadores invadiram empresas, universidades e, posteriormente, as casas das famílias de classe média e de alto poder aquisitivo. A rede mundial de computadores se tornou a principal referência na hora de se pesquisar sobre determinados assuntos, aposentando as pesadas enciclopédias que acabaram esquecidas no fundo das prateleiras. Isso devido, principalmente, as bases de dados, bibliografias e periódicos científicos completos disponíveis na web que possibilitam uma atualização constante e rápida no acesso à informação. Prova disso, é uma pesquisa realizada por duas pesquisadoras da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo com 237 docentes vinculados aos programas de pós-graduação em saúde pública, nos níveis mestrado e doutorado, no Brasil, em 2001. Intitulado “Influência da Internet na comunidade acadêmico-científico da área de saúde pública”, o estudo, das pesquisadoras Ângela Maria Belloni e Ana Cristina Tanaka, aponta que 94,9% dos docentes utilizavam a internet em 2002, sendo que quase 62% deles já a usavam há mais de 5 anos. A influência da internet na comunicação dos entrevistados, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento de pesquisas em colaboração, também foi significativa: 73,8%. Apenas pouco mais de 5% dos entrevistados afirmaram não utilizar a internet. Entre os motivos apontados para isso, estão: falta de motivação, falta de tempo e facilidade de conseguir de seus colegas o material de que precisam. Os resultados desse trabalho corroboram a constatação de Figueira Netto<sup>1</sup> (1994) de que “o maior benefício das redes eletrônicas é a comunicação entre os pesquisadores”.

---

<sup>1</sup> Figueira Netto S C. A comunicação científica de redes de computadores: a experiência de pesquisadores brasileiros [dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO -

## **Projetos antipirataria e o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas**

A preocupação com a violação dos direitos autorais colocou na pauta de discussões do Congresso americano dois projetos de lei que causaram revolta e polêmica entre os usuários da internet no início deste ano: o S.O.P.A (Stop Online Piracy Act) e o P.I.P.A. (Anti-Counterfeiting Trade Agreement). Trata-se de projetos que previam punições para quem compartilhar conteúdos piratas na rede online. No S.O.P.A., a punição seria de até 5 anos para quem compartilhasse conteúdo pirata por 10 ou mais vezes ao longo de 6 meses.

Os projetos também dividiram grandes empresas norte-americanas. De um lado, Disney, Universal, Paramount, Sony e Warner Bros apoiaram a causa e, do outro, empresas de tecnologia como Google, Facebook e Wikipedia que seriam enquadradas como facilitadoras da pirataria. Devido a reação pública, a votação dos projetos acabou sendo adiada e a Casa Branca chegou a publicar uma mensagem em que diz não apoiar “um projeto de lei que reduz a liberdade de expressão, amplia os riscos de segurança na computação ou solapa o dinamismo e inovação da internet global”. No entanto, o que pouca gente sabe é que ainda tramita um outro projeto que trata do mesmo assunto. O A.C.T.A. (Anti-Counterfeiting Trade Agreement) é um acordo internacional que prevê padrões de monitoramento e punição para violações de direitos autorais que também se estende para violação de conteúdos via web.

A imposição de leis que restringem o compartilhamento de conteúdo e punem seus responsáveis coloca em risco a troca de informações entre pessoas do mundo inteiro e pode resultar em um importante entrave no desenvolvimento intelectual. Como já foi exposto no presente artigo, a internet se constitui hoje como principal instrumento de comunicação de pesquisadores. Ela mudou não apenas a forma de interagir, mas o processo de desenvolvimento de novas pesquisas científicas. É na web, que a maior parte dos acadêmicos armazena os bancos de dados das pesquisas que desenvolvem, os resultados e suas respectivas conclusões. Além disso, a rede mundial de computadores possibilita que acadêmicos e estudantes de diferentes países, com linhas de pesquisas semelhantes, troquem ideias e tirem dúvidas através de fóruns de discussões, postem seus trabalhos e criem redes profissionais em sites como o “LinkedIn”.

A internet cria espaço ainda para iniciativas inovadoras na área de educação. É o caso da “The Khan Academy”. Uma organização sem fins-lucrativos que se dedica a fornecer um ensino de alta qualidade a alunos de diferentes países. Para isso, basta ter

acesso a web, já que é através de vídeos caseiros postados na rede que o americano Salman Khan explica os mais variados assuntos: desde história das civilizações à física aplicada. A ideia é que ao se formar a base, teremos profissionais melhores e pesquisadores mais bem-sucedidos no futuro. Dessa forma, a restrição de acesso a tais pesquisas representa uma barreira significativa para o crescimento da produção intelectual. Portanto, trata-se de um processo colaborativo global que não conhece fronteiras geográficas ou sociais e que, por isso, não pode ser limitado pela legislação de um país.

## **Conclusões**

Ao levar em conta os aspectos apresentados nesse artigo, é possível constatar que ainda é cedo para responder questões como o “que será feito com essa demanda por informações do mundo acadêmico, caso esses projetos sejam aprovados?” ou “até que ponto esse compartilhamento será considerado aceitável e até onde ele será um crime previsto em lei?”. As respostas ainda não são claras, mas tudo leva a crer que o resultado desse cerceamento da liberdade em um ambiente, que por sua natureza já é democrático e livre, será, entre outras coisas, a escassez de novos projetos. Isso porque, ainda não há disponível outros meios que se mostram como melhor opção para alimentar a necessidade constante da comunidade acadêmica e da iniciativa privada por informações atualizadas e ágeis. Na pior das hipóteses, vivenciaremos um retrocesso no desenvolvimento de novas pesquisas, já que o contato entre pesquisadores de uma mesma área do conhecimento será mais difícil e, conseqüentemente, irá resultar em um isolamento. É claro, que não se pode esquecer que o respeito aos direitos autorais é fundamental em uma sociedade que se pretende cada vez mais democrática e livre. No entanto, a ação de alguns “piratas da internet” não pode justificar a imposição de amarras a todos. Pois, acreditamos que, nesse caso, os benefícios superam os prejuízos causados por certos grupos de internautas.

## Referências Bibliográficas

*Protestos anti-ACTA estouram na Europa.* Retirado do Portal Olhar Digital. Disponível em: [http://olhardigital.uol.com.br/produtos/digital\\_news/noticias/protestos-anti-acta-e-anti-tpp-estouram-na-europa](http://olhardigital.uol.com.br/produtos/digital_news/noticias/protestos-anti-acta-e-anti-tpp-estouram-na-europa) (Acesso entre 17 e 20/05)

BELLONI, Ângela Maria e TANAKA, Ana Cristina. *Influência da Internet na comunidade acadêmico-científico da área de saúde pública.* Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/rsp/v39n5/26307.pdf> (Acessos entre 16 e 20/05)

*Entenda o Sopa e o Pipa, projetos de lei que motivam protestos de sites.* Retirado do Portal G1. <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/entenda-o-projeto-de-lei-dos-eua-que-motiva-protestos-de-sites.html> (Acesso em 17/05)

Portal Khan Academy. <http://www.khanacademy.org/> (Acessos entre 16 e 20/05)

*História da Internet.* Artigo virtual, retirado do site Wikipédia. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_Internet](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Internet) (Acesso em 18/05)